



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 21 - dezembro de 2018

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2018i21p148-162>

Lima e Quaresma: uma análise da alteridade em *Triste fim de Policarpo Quaresma* à luz da cosmologia semiótica de Charles Sanders Peirce

Lima and Quaresma: an analysis of alterity in *Triste fim de Policarpo Quaresma* in the light of the semiotic cosmology of Charles Sanders Peirce

Gerson Tenório dos Santos¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise da alteridade no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, à luz da cosmologia semiótica de Charles Sanders Peirce. Será analisada a complexa relação entre o autor/narrador e a personagem principal Policarpo Quaresma. Embora, politicamente falando, haja uma grande distância entre o autor/narrador e a personagem, é possível notar que, de uma perspectiva ética, a personagem constitui a contraparte desse narrador complexo, refletindo o ideal de uma sociedade mais justa, mais amorosa, como defendeu Lima Barreto em seus textos críticos. A cosmologia semiótica de Peirce, ao defender que é o amor o grande motor da evolução cósmica, nos permite uma aproximação da complexa relação que se dá entre o autor/narrador e a personagem, como será analisado neste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Policarpo Quaresma; Alteridade; Amor evolucionário; Cosmologia; Ética

ABSTRACT

This paper aims at discussing the issue of alterity in the novel *Triste fim de Policarpo Quaresma*, by Lima Barreto, in the light of the semiotic cosmology of Charles Sanders Peirce. It will consider the complex relationship between the author/narrator and the main character, Policarpo Quaresma. Although, from a political point of view, there is a great distance between the author/narrator, it is possible to notice that from an ethical perspective, that character constitutes the counterpart of this complex narrator, reflecting the ideal of a fairer, more loving society, as Lima Barreto defended in his

¹Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES; Mestrado Profissional Práticas Docentes no Ensino Fundamental – Santos – SP – Brasil – gersontds@gmail.com



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 21 - dezembro de 2018

critical texts. Peirce's semiotic cosmology, by arguing that love is the great motor of cosmic evolution, allows us to approach the complex relationship between the author/narrator and the character, as we will show in this article.

KEYWORDS: Policarpo Quaresma; Alterity; Evolutionary love; Cosmology; Ethics

Introdução

O objetivo deste artigo é fazer uma análise da questão da alteridade no livro *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, tendo como base a cosmologia do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce. O foco da análise é a complexa relação que se dá entre o autor, o narrador e a personagem Policarpo Quaresma no romance no qual Quaresma se configura como um outro do autor/narrador. Apesar de defender questões políticas antípodas às do autor/narrador, Quaresma constitui-se, por seu caráter, por sua honestidade, por seu amor pelos outros, uma dimensão ideal do Lima Barreto narrador, produzindo um efeito interpretativo similar no leitor do romance. Peirce, ao tematizar, em seu ensaio “Evolutionary love”, o papel do amor na evolução cósmica, remete-nos também ao caráter ético que este adquire para todos os homens, o que permite que aproximemos suas ideias da maneira como se dá a relação entre autor/narrador e Policarpo em *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

1 A humanização da literatura

Antonio Candido (2011), em seu famoso ensaio “O direito à literatura”, fala-nos, ao tratar do problema dos direitos humanos, em “bens compressíveis” e “bens incompressíveis”, conceitos que toma emprestado do padre dominicano Louis-Joseph Lebret. Os bens incompressíveis são aqueles que não podem ser negados a ninguém, como o alimento, roupa, moradia. Já os primeiros são aqueles considerados supérfluos, como cosméticos, enfeites e ... a literatura. Porém, em sua discussão, Candido ressalta a tênue fronteira que separa uns de outros e ressalta a importância que bens incompressíveis como a literatura têm para todos, enfatizando o quanto, em nosso país, se nega à classe trabalhadora esse direito. Ao argumentar que a literatura é também um bem compressível, pois “[...] aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos [...]” (CANDIDO, 2011, p. 176), o crítico destaca o poder que a literatura tem na formação das várias sociedades, visto que tanto os valores preconizados quanto os considerados prejudiciais estão presentes nas diversas manifestações da ficção, sejam elas poéticas ou dramáticas. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita.” (p. 177). Ao trazer à baila a íntima relação entre literatura

e direitos humanos, Candido destaca dois ângulos dessa relação, que em nosso entendimento, tem íntima ligação com o que discutiremos mais à frente sobre Lima Barreto e sua literatura, em especial o *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

O primeiro ângulo destacado pelo nosso crítico maior está ligado à maneira como a literatura dá forma aos nossos sentimentos e as nossas visões de mundo, o que faz com que nos organizemos, nos libertemos do caos e, portanto, nos humanizemos. Nessa perspectiva, o poder humanizador da literatura está tanto na sua construção de objetos autônomos com estrutura e significado quanto na sua forma de expressão de emoções e visões de mundo. Ou seja, semioticamente falando, na relação entre o signo estético e o interpretante produzido no leitor. Há aqui uma relação dialética bem destacada na análise de Candido: o impacto produzido no leitor por uma produção literária, oral ou escrita, deve-se “[...] à fusão inextricável da mensagem com sua organização [...]” (2011, p. 180), o que quer dizer que o poder de impressionar da literatura está antes inscrito na ordenação de quem a produziu, o que evidencia o alto grau virtual de semiose em qualquer obra literária. Nesse circuito, a ordem imposta pelo autor ao caos originário, ou seja, “o material bruto a partir do qual o autor escolheu uma forma”, produz num intérprete específico uma ordenação de seu caos interior, permitindo que a mensagem possa atuar.

O segundo ângulo destacado por Candido é aquele concernente à literatura como lugar consciente de desmascaramento por focalizar as situações de restrição ou negação dos direitos como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Trata-se, nesse caso, de uma “literatura social”, termo empregado por Candido, mas também chamada de engajada ou, como queria Lima Barreto, militante. Exemplos citados por Candido desse tipo de literatura são Castro Alves, Bernardo Guimarães, Eugène Sue, Victor Hugo, Dickens, Dostoiévski, Émile Zola, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo, bem como outros autores bem menos lembrados, como Abguar Bastos, Guilhermino Cesar, Emil Farhat, Amando Fontes, João Cordeiro, Clóvis Amorim, Lauro Palhano. Embora Candido não liste entre esses vários escritores Lima Barreto, é oportuno dizer que ele foi um dos escritores brasileiros que mais tematizou, em sua literatura, as condições sociais degradantes da sociedade carioca no início da República, bem como denunciou as mazelas sociais e políticas então vigentes naquele momento de transição pelo qual passava nosso país, utilizando-se – diga-se de passagem – de maneira criativa e crítica do plano da expressão literária, razão pela qual ocupa hoje posição destacada entre nossos maiores escritores.

2 A literatura militante de Lima Barreto

Nascido preto e pobre em 13 de maio de 1881, viveu, ao longo de seus 41 anos de vida, a exemplo de seus personagens, uma vida dura, difícil, marcada pelo preconceito racial, dificuldades econômicas, internações em manicômios e, claro, a bebida, sua companheira diuturna de dores, decepções e sofrimentos. Barbosa (2017), após citar um trecho do *Diário íntimo* em que o escritor, ao perder a revista *Floreal*, fundada por ele e que só durou quatro edições, lamenta-se de só “ter feito uma porção de bobagens” e de estar cheio de dificuldades, faz as seguintes observações sobre o início da relação entre depressão e álcool na vida de Lima Barreto: “Julga-se só, abandonado dos amigos, que já não o procuram. Vê tudo negro. É tão grande a depressão que pensa no suicídio. Procura então a bebida como lenitivo, pois só o álcool tem o poder para fazê-lo esquecer a imensa amargura.” (BARBOSA, 2017, p. 170).

Mas, para Lima Barreto, a literatura era sua razão de viver e não meramente uma forma de ganhar de dinheiro e angariar prestígio numa sociedade em que o gosto literário era talhado pela superficialidade e pela valorização de um cânone europeu. As reações críticas ao romance de estreia de Lima Barreto, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, tocaram-no profundamente por ser considerado um romance *à clef*² e, por isso mesmo, um gênero inferior. Porém, Lima Barreto considerava que um romance *à clef* poderia ser bom. Havia produzido

[...] um livro de combate, “propositalmente mal feito”, como dissera a Gonzaga Duque, para desagradar ao literato convencional e escandalizar o burguês’. Com um romance “brutal” (o adjetivo é do próprio Lima Barreto, queria mostrar que a sociedade estava errada, cheia de mazelas e preconceitos). (BARBOSA, 2017, p. 188).

Na concepção de Lima Barreto, a literatura tinha que ser militante, como deixou bem claro em seu artigo “Amplius!”, publicado no jornal *A Época*, em 10 de setembro de 1916, logo após o fechamento de sua revista *Floreal*:

[...] o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros [...]. A literatura do nosso tempo vem sendo isso nas suas maiores

² *Roman a cléf* é uma expressão francesa que significa “romance com chave” e se reporta a um tipo de romance no qual o autor se utiliza de personagens fictícios para fazer alusão a pessoas reais. O crítico Medeiros e Albuquerque, o primeiro a tratar do romance *Isaías Caminha*, o considerou um “mau romance porque é da arte inferior dos *romans a cléf*” (apud BARBOSA, 2017, p. 184).

manifestações, e possa ela realizar, pela virtude da forma, não mais a tal beleza perfeita da falecida Grécia [...]; não mais a exaltação do amor que nunca esteve a perecer; mas a comunhão dos homens de todas as raças e classes, fazendo que todos se compreendam, na infinita dor de serem homens. [...]. Não desejamos mais uma literatura contemplativa [...]. Não é isso que os nossos dias pedem; mas uma literatura militante para maior glória da nossa espécie na terra e mesmo no Céu. (BARRETO *apud* SCHWARCZ, 2017, n.p.).

A militância literária de Lima Barreto, porém, é de uma estirpe diferente. Não se trata de uma militância panfletária, meramente denunciadora das mazelas sociais e econômicas de nossa emergente República. Muito se tem falado sobre o caráter satírico da literatura de Lima Barreto e, no caso específico do *Triste fim...*, aproximam-no de *Dom Quixote*. Acredito, porém, que, acompanhando André Jolles (1976), melhor seria chamá-la irônica. Como já discuti em outro trabalho que analisa uma das crônicas de Lima Barreto, a zombaria em Lima não é destruidora, pois nesse caso, de acordo com Jolles, esta seria satírica devido à grande distância do objeto de sua zombaria³. No caso de Lima, o que temos é a ironia, pois a troça do que repreende não se opõe ao objeto troçado, pois há nela uma manifestação de simpatia, de compreensão e espírito de participação. É isso que fica evidente no famoso texto de Lima Barreto chamado “O destino de literatura”, publicado na revista *Souza Cruz*, em 1921, que deveria ter sido a primeira conferência em público do escritor⁴:

Fazendo-nos assim tudo compreender; entrando no segredo das vidas e das coisas, a Literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos

³De acordo com Andrés Jolles (1976), a disposição mental que gera o chiste chama-se cômico. Para que se possa desfazer pelo cômico o objeto repreensível, uma condição necessária é que haja uma insuficiência. “Na medida em que esforce por desfazer o repreensível a partir de sua insuficiência, ou a insuficiência a partir dela mesma, o chiste recebe o nome de *zombaria*.” (grifo do autor) (Jolles, 1976, p. 211). Há duas formas de zombaria de acordo com a distância existente entre o objeto repreensível desfeito e o zombador que o desfaz: sendo maior, temos a sátira; sendo menor, temos a ironia.

⁴A conferência que seria ministrada por Lima Barreto está ligada a sua ida para Mirassol, em São Paulo, no início de 1921 a convite do médico e escritor Ranulfo Prata, que tomou para si a tentativa de recuperação do escritor. No começo, Lima, seguindo as prescrições do médico, se conteve e chegou a melhorar em função de um regime rigoroso que este lhe impôs. Porém, os amigos de Ranulfo Prata, entusiasmados com a presença do escritor na cidade, lembraram de promover uma conferência com Lima na cidade de Ribeirão Preto, sede da comarca, que ficava a poucos quilômetros de Mirassol. Lima aceitou o convite e escreveu o texto, mas, de natureza tímida e reclusa, o escritor começou a ficar muito nervoso e ansioso pelo dia da conferência, o que fez com que se embebedasse e desaparecesse no dia de ir para Ribeirão Preto, sendo encontrado estirado numa sarjeta por Ranulfo Prata (BARBOSA, 2017, p. 321-323). “Mal sabia o autor carioca que o artigo se converteria numa espécie de testamento de sua obra — num balanço e numa defesa de sua literatura militante. Aquele era o melhor resultado da excursão que fizera a São Paulo e arredores. Se o tratamento imaginado pelo dr. Ranulfo Prata falhara, pelo menos o testamento de Lima estava pronto.” (SCHWARCZ, 2017, n.p.).

separam uns dos outros. Ela tende a obrigar a todos nós a nos tolerarmos e a nos compreendermos; e, por aí, nós nos chegaremos a amar mais perfeitamente na superfície do planeta que rola pelos espaços sem fim. (BARRETO, 1921, on-line).

É esse o espírito que anima a obra de Lima Barreto e mais de perto o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, no qual a forma como se dá a relação entre autor, narrador e personagem se aproxima da perspectiva cosmológica do filósofo americano Charles Sanders Peirce em seu ensaio “Evolutionary love”, como analisarei mais à frente. Antes, trato da íntima relação que se dá entre o autor, o narrador e Policarpo Quaresma, fonte de preciosas chaves para compreendermos o sentido da alteridade limabarretiana.

3 Lima Barreto e Policarpo Quaresma: o outro de si mesmo

Triste fim de Policarpo Quaresma foi publicado em folhetins a partir de 11 de agosto de 1911 no *Jornal do Commercio*. Foi escrito em menos de três meses e é considerado o mais bem composto e equilibrado livro de Lima Barreto.

Trabalhou-o com paixão, entregando-se por inteiro a sua composição, vertiginosamente, como se estivesse em estado de transe. É esta, sem nenhum exagero, a impressão que fica de um exame atento e demorado dos originais, impressão fortalecida pela informação do próprio autor de que escrevera o romance em apenas dois meses e meio. (BARBOSA, 2018, p. 207-208).

Triste fim... foi escrito em terceira pessoa e numa época em que os efeitos do realismo-naturalismo eram muito fortes, o que pode nos levar a pensar no clássico distanciamento entre narrador e personagem típico desse período. Porém, no caso desse romance, há uma complexa relação entre autor, narrador e personagem principal que nos revela a maneira como Lima trata a alteridade nesse romance.

Na primeira parte do romance, vemos um Policarpo metódico, de hábitos rígidos e vivendo “num isolamento monacal” (BARRETO, 1916, p. 9); um homem de um só pensamento, de uma única direção: o “[...] conhecimento inteiro do Brasil levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa.” (p. 14). Os hábitos kantianos de Policarpo associados as suas ideias positivistas para apontar as medidas progressivas que salvariam o Brasil (um dos lemas do positivismo era “prever para prover”), em tudo

difere da vida errante e iconoclasta de Lima. À linha reta da existência de Policarpo podem-se opor os caminhos sinuosos da vida de Lima Barreto. Posto isso, pode-se, assim, pensar que Policarpo é um mero deboche, um personagem ridículo do qual o narrador, o *alter ego* de Lima Barreto, faz uso para expor as vísceras do positivismo que tanto detestava ou da falácia que a República significava para os deserdados do sistema.

Porém, há em Lima Barreto uma grande ambivalência que em muito o aproxima das ideias extravagantes de Policarpo. Lima, como destaca Lilia Schwarcz (2017), procura se distanciar não só dos aristocratas dos subúrbios, como também da influência de valores estrangeiros, principalmente os dos Estados Unidos, o que estaria levando à “contaminação” dos subúrbios e ao fim dos bailes respeitosos e dos costumes tradicionais regados a choros e modinhas tocadas no violão. Para Policarpo, o estudo da modinha e do choro é uma das principais preocupações para o resgate da brasilidade de nossa cultura. Por essa razão, Ricardo Coração dos Outros, o instrutor de violão de Policarpo, é a contraparte emocional de Policarpo, o coração desse outro que é Policarpo. Em algumas análises de *Triste fim...* aponta-se Ricardo como equivalente a Sancho Pança, o fiel escudeiro de Dom Quixote. Porém, Sancho é comumente analisado como sendo a dimensão racional de Dom Quixote, o que não ocorre com Ricardo que, com sua música e seu grande coração, é o apoio emocional de Policarpo, sua dimensão estética.

Naturalmente, Lima Barreto não era nacionalista e nem via na República uma saída para o país, ao contrário de seu ilustre personagem. Mantinha uma atitude “[...] contra a literatura de sucesso, o Estado, a patriotada e os estrangeirismos – que levou o escritor a se aproximar do anarquismo e das novas correntes libertárias, as quais bateram na porta do país já nas décadas de 1900 e 1910.” (SCHWARCZ, 2017, n.p.). É notória, porém, ao longo do livro e, principalmente na terceira parte da obra, uma admiração, um forte sentimento de identificação com aquele homem pequeno, magro, de olhar sempre baixo, “[...] mas, quando fixava alguém ou alguma coisa, os seus olhos tomavam, por detrás das lentes, um forte brilho de penetração, e era como se ele quisesse ir à alma da pessoa ou da coisa que fixava.” (BARRETO, 1916, p. 11).

Quaresma é o oposto do que Lima vê nos homens de sua época: “[...] era um homem como todos os outros, a não ser aqueles que têm ambições políticas ou de fortuna, porque Quaresma não as tinha no mínimo grau.” (BARRETO, 1916, p. 18).

A admiração do narrador por Policarpo também está presente na narrativa da história da relação entre o encontro com seu compadre italiano. Vicente, italiano de

nascença, fora fornecedor da casa de Quaresma há vinte e poucos anos, quando este já tinha suas ideias patrióticas. Num certo dia, Quaresma encontrou o vendedor ambulante e falando-lhe “[...] com aquela simplicidade d’alma que era bem sua [...]” (BARRETO, 1916, p. 41) notou que o rapaz tinha sérios problemas. Este confessou-lhe, então, de uma questão de dinheiro com um seu colega, estando disposto a matá-lo, já que tinha perdido o crédito e logo estaria na miséria. Empregando “toda a sua doçura e persuasão” (p. 42), Quaresma não só o dissuadiu do propósito, como emprestou-lhe dinheiro. Vicente Coleoni, então, pôs uma quitanda, ganhou dinheiro, fez-se empreiteiro, casou e veio a ter uma filha – Olga – que será batizada por seu benfeitor. O arremate da narrativa não deixa dúvida sobre a posição do narrador em relação ao personagem: “Inútil é dizer que Quaresma não notou a contradição entre as suas ideias patrióticas e o seu ato.” (p. 42).

Na segunda parte da obra, quando Quaresma idealiza no seu sítio “Sossego” um Brasil que tudo produz, nada ficando a dever a nenhum outro lugar do mundo, também é bastante tênue a linha que divide narrador e personagem. Como destacado primeiramente por Barbosa (2017) e posteriormente por Lilia Schwarz (2017), a descrição da morada de Quaresma é praticamente a mesma que o escritor faz do sítio Carico em que sua família habitava e que visitava nos finais de semana quando era garoto e estudante na cidade, onde vivia num internato. “As árvores, os pássaros, cavalos, porcos, bois, enfim todo aquele aspecto rústico, realçado pelo mar próximo, enchia a minha meninice de sonho e curiosidade.” (*apud* Barbosa, 2017, p. 65). “E o personagem” – pergunta-se Barbosa (2017, p. 66) – “o admirável Policarpo Quaresma, na sua paixão pela agricultura, não teria sido em partes inspirado pelo próprio pai do escritor?”

Na terceira parte do romance, aos poucos o patriotismo de Quaresma vai esmorecendo quando diante de seu ídolo – o Marechal Floriano Peixoto –, vai notando nele mesmo, a contragosto, traços negativos que são destacados com palavras duras pelo narrador. Lima Barreto via na Revolta da Armada, período retratado nessa parte da obra, um período muito amargo de sua vida, pois seu pai, um tipógrafo bem-sucedido, havia sido demitido da Imprensa Nacional sob alegação de convivência com a Monarquia, aceitando o emprego de escriturário nas Colônias de Alienados na Ilha do Governador, o que fez com que sua família tivesse que se mudar sucessivamente para os subúrbios cariocas. E o centro dessa amargura era Floriano Peixoto, um político retratado pelo narrador como despótico, com uma fisionomia “[...] vulgar e desoladora. O bigode

caído; o lábio inferior pendente e mole a que se agarrava uma grande ‘mosca’ [...]. Era um olhar mortiço, redondo, pobre de expressões [...]; e todo ele era gelatinoso – parecia não ter nervos.” (BARRETO, 1916, p. 202-203).

A despeito desse juízo do narrador, Quaresma tinha por aquele político um entusiasmo forte, sincero e desinteressado.

Porém, sua participação na revolta, na qual mata um soldado revoltoso, o ferimento que sofre em combate e posteriormente, logo após o fim dos combates do qual Floriano sai vencedor, quando se torna carcereiro, a comoção que sente pelo grupo de revoltosos e, por fim, sua prisão e condenação à morte possivelmente pela carta enviada a Floriano protestando contra os abusos cometidos contra os revoltosos, o faz repassar toda sua vida e perceber que “[...] sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.” (BARRETO, 1916, p. 283).

Nesse momento culminante do romance, em que as únicas pessoas que estão a seu lado são Ricardo Coração dos Outros – que buscou ajuda de todos os seus amigos em vão – e sua afilhada Olga – que se indispõe contra a postura de seu marido Armando, aliado aos governistas para tirar proveito político da situação –, é que a voz do narrador mais se aproxima desse outro de si mesmo tão ingênuo e equivocado, mas tão humano, tão valoroso. O último capítulo traz um longo discurso indireto livre em que todas as considerações de Policarpo sobre sua vida, sua dedicação à pátria tão sonhada, os amigos, o sítio do Sossego, sua irmã e seu triste fim são narradas não por ele mesmo, mas por essa mistura de vozes em que há um grande encontro entre narrador e personagem. É também por meio do discurso indireto livre que na parte final da obra sabemos, por meio da personagem Olga, afilhada de Policarpo e sua contraparte ética, que havia procurado em vão Floriano para libertar seu padrinho, o final destinado pelo narrador a Policarpo:

Com tal gente, era melhor tê-lo deixado morrer só e heroicamente num ilhéu qualquer, mas levando para o túmulo inteiramente intacto o seu orgulho, a sua doçura, a sua personalidade moral, sem a mácula de um empenho que diminuísse a injustiça de sua morte, que de algum modo fizesse crer aos seus algozes que eles tinham direito de matá-lo. (BARRETO, 1916, p. 295).

A dimensão do ideal, como já estava presente na epígrafe do livro, na voz do narrador emprestada a Policarpo, a Olga e a Ricardo Coração do Outros, faz-nos ressignificar esse *triste fim* do título da obra. Penso que, contrariamente à crítica de

Silviano Santiago (*apud* SCHWARTZ, 2017), que vê no nome do personagem o contrário do que ele significa (“aquele que tem e produz muitos frutos”), visto que a vida do herói não havia resultado em nenhum produto digno, é possível ver na estreita conexão entre narrador e personagem, bem como no caráter de Ricardo Coração dos Outros e de Olga, os muitos frutos produzidos por Quaresma. Acresça-se a isso o significado de Quaresma, que representa os 40 dias de preparação que antecedem à Páscoa cristã, que é uma festividade que celebra a ressurreição de Cristo. Ou seja, podemos ver nesse caráter preparatório emprestado ao nome da personagem uma dimensão de esperança contra todas as atrocidades e frustrações que uma sociedade egoísta, autoritária, negadora do outro, como aquela do romance, pode gerar.

Passemos, agora, a considerar como a visão cosmológica de Peirce, assentada em seu famoso ensaio “Evolutionay love”, pode nos ajudar a compreender melhor essa faceta do ideal e do amor ao outro retratada no romance.

4 A evolução por amor em Peirce

O Agapismo é uma doutrina relacionada à evolução cosmológica por meio do amor e discutida por Peirce em seu ensaio “Evolutionary love”, publicado originalmente em 1893, na revista *The monista*. Trata-se do último de uma série de cinco ensaios publicados entre 1891 e 1893 (os outros são “The Architecture of Theories”, “The Doctrine of Necessity Examined”, “The Law of Mind” e “Man’s Glassy Essence”) que formam a base de sua cosmologia, ou Metafísica, considerada por Peirce como a ciência do real.

Tais ensaios refletem a insatisfação de Peirce pela forma como a filosofia de sua época tratava os avanços das ciências naturais. O Agapismo, do grego *ágape* (amor incondicional, divino), em particular, é a resposta de Peirce para os modelos de evolução de sua época com os quais não concordava: o determinismo, o agnosticismo e o mecanicismo. Peirce, como defendia em seu ensaio “A lei da mente”, de 1892, advogava um *continuum* entre a mente humana e a lei do cosmo, não admitindo nenhum tipo de dualismo entre a mente e a matéria. A esse *continuum* denominou *Sinequismo* (do grego *synechismos*). A evolução agapástica, assentada no sinequismo, por ser da instância da terceiridade, engloba dois outros tipos de evolução: a que se dá por acaso, chamada por Peirce de “Tiquismo”, que é da instância da primeiridade, e a que ocorre

por necessidade, denominada por Peirce “Ananquismo”, que é da ordem da secundidade.

A evolução ticástica está relacionada à evolução darwiniana da seleção natural, que é de ordem estatística e não possui nenhum direcionamento ou *telos*. Já a evolução anancástica está relacionada à existência de leis imutáveis, deterministas, que governam o cosmos como um relógio, não possuindo nenhum tipo de aleatoriedade, como ocorre na evolução darwiniana. No ananquismo, o *telos* é dado de antemão, e cada etapa da evolução é um desdobramento de um plano inicialmente já formado. Peircianamente falando, o ananquismo pressupõe o tiquismo e ambos estão imersos no agapismo, o que confere à evolução tanto a abertura para a diversidade que caracteriza o tiquismo, quanto sua tendência ao aperfeiçoamento das formas degeneradas típicas da evolução fundada na necessidade, como é o caso do ananquismo. Para Peirce, a evolução agapástica é a mais importante de todas, pois “O amor, reconhecendo os germes da amorosidade no ódio, gradualmente infunde vida neste e o transforma em amor. Este é o tipo de evolução que todo estudante cuidadoso de meu ensaio ‘A lei da mente’ deve perceber que é invocado pelo sinequismo” (PEIRCE, 1994, CP 6.289).

O conceito de amor ágape Peirce empresta do evangelho de São João. A mensagem de João é a de que Deus é amor, e a essência do amor divino é o amor incondicional, o amor por toda a humanidade. Ao considerar o amor agápico, Peirce faz algumas citações das seguintes sequências de Jo 3,16-21, que reproduzimos abaixo:

16 Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo aquele que nele crer não morra mas tenha a vida eterna. 17 Porque Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. 18 Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho único de Deus. 19 E o julgamento consiste no seguinte: a luz veio ao mundo e as pessoas amaram mais a escuridão do que a luz, porque suas obras eram más. 20 Pois todo aquele que faz o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, para que suas obras não sejam desmascaradas. 21 Mas quem pratica a verdade vem à luz, para que as obras apareçam, pois são feitas em Deus.

Sobre essa passagem, faz Peirce a seguinte observação: “Deus não impõe nenhuma punição sobre elas [as pessoas]; elas punem-se a si mesmas por sua afinidade natural com o que é imperfeito. Assim, o amor que Deus é, não é um amor do qual o ódio é o oposto; caso contrário, Satã seria um poder da mesma ordem; é, entretanto, um

amor que abarca o ódio como um estágio imperfeito de si [...]” (PEIRCE, 1994, CP 6.287).

Em contraposição ao que chamou de “Evangelho da Cobiça”, que tanto caracterizou o século XIX (chamado por Peirce de Século da Economia) com seu incentivo ao progresso individual em detrimento de seus vizinhos, Peirce reafirma que o Evangelho de Cristo – como expresso na Regra de Ouro – ensina “[...] que o progresso advém da imersão da individualidade de toda pessoa na simpatia com seus vizinhos.” (PEIRCE, 1994, CP 6.294). É, assim, o amor com sua amplitude, com seu altruísmo o próprio impulso de uma evolução, de um crescimento que tende à perfeição, à superação de nossos erros, enganos e egoísmos. O amor é, pois, o único tipo de evolução que põe em sintonia o crescimento da mente do cosmo com a mente do homem.

5 A alteridade em *Triste fim...* à luz da cosmologia peirciana

Como podemos perceber na curta discussão anterior, a evolução por amor na cosmologia de Peirce pressupõe um tipo de alteridade como aquela defendida por Levinas (1988), em que o outro não é um mero reflexo de mim mesmo, pois isso não permite a evolução, o aperfeiçoamento. O outro, em Peirce, está em coevolução com o Eu e ambos coevoluem com o Cosmos por meio de um processo de causação final, ou um *telos*, que também é evolutivo. Aqui também podemos notar um paralelo com Levinas (1988) ao colocar que o outro é uma abertura para o infinito. Para Peirce, “O movimento do amor é circular, projetando, num único e mesmo impulso, suas criações para a independência e trazendo-as de volta para a harmonia.” (PEIRCE, 1994, CP 6.288). Se o foco de Levinas é o homem e o outro é um outro homem incondicionado, em Peirce o outro é o próprio motor da evolução, se amplia para além dos limites da razão humana e entra em consonância com a mente de Deus, pois, como já vimos ao abordarmos o sinequismo, há um *continuum* entre a mente do Cosmo – ou a mente de Deus – e a mente humana. A evolução agápica, com sua força inclusora, constitui-se tanto do tiquismo, com sua capacidade de abertura infinita, quanto do ananquismo, com sua tendência aos hábitos repetitivos e ensimesmados, mas não se limita a nenhum deles, formando um terceiro em que a lei do amor e da razão, como assevera Peirce, constituem-se como a mesma lei do universo.

No *Triste fim...*, Policarpo Quaresma forma com Ricardo Coração dos Outros e Olga um triângulo virtuoso em que tanto a dimensão estética representada por Ricardo Coração dos Outros e paralela ao tiquismo peirciano quanto à dimensão ética representada por Olga e paralela ao anarquismo peirciano conjugam-se com a dimensão do ideal representado por Quaresma para constituir o amor agápico. Quaresma, com seu amor aos outros, com sua honestidade, com seu desinteresse monetário ou pelo poder representa a inclusão agápica. Talvez por isso o narrador sinta tanto carinho por ele, tanta empatia. O ideal que Lima via na literatura se inscreve em seu personagem mais emblemático, pois Policarpo ajuda-nos não só a compreender o outro na sua irredutibilidade, no que tem de mais de louvável ou anódino, mas, sobretudo, a amá-lo na sua diferença. Se em Lima Barreto há ressentimento, certo desencanto pela vida com sua aspereza, em Policarpo há decepção, é certo, mas há esperança, há porvir especialmente nas sementes plantadas no coração de Ricardo e Olga. Mas não só. O narrador ambíguo também é tocado e nos toca. Nesse sentido, o efeito em nós produzido pela leitura do romance produz uma admiração por esse personagem, um respeito por seu caráter inquebrantável, por seu amor ao outro que suplanta os cerceamentos do mundo real e divisa uma sociedade mais justa, mais igualitária. É esse efeito interpretativo, como supõe a semiótica de Peirce, com seu poder de projetar na mente dos inúmeros leitores que já leram ou que ainda lerão o romance que constitui o ideal de Policarpo, de seu narrador e, por conseguinte, de seu autor, de nos revisitarmos, de nos reconhecer outro na face do outro e juntos, na lei do amor, fazer avançar o crescimento do cosmos.

Considerações finais

Embora muitos dos estudos recentes da alteridade, do ponto de vista filosófico, tenham tomado o caminho da ética, especialmente depois das importantes considerações do filósofo francês Emmanuel Levinas, que desloca o eixo do fundamento do ser da ontologia para a ética, considero oportuno ressaltar que a cosmologia peirciana, que coloca o amor como fundamento do crescimento do cosmos, parte também de uma dimensão ética, já que ressalta que o amor agápico, que começa em nossas relações mais básicas com o outro, permite, com sua inclusão de todas as diferenças, o que Peirce chama de *summum bonum* da razoabilidade concreta, que é a capacidade que temos de conhecer as leis da natureza como sendo a mente de Deus. Essas ideias

peircianas nos permitem compreender que a personagem principal de *Triste fim...*, com seu ideal de amor ao outros, sua recusa à tirania, seu comportamento ético que orienta a crença numa sociedade justa e igualitária, constitui-se num outro díspar do Lima Barreto narrador, um outro humanizante, inclusor e denunciador de todas as mazelas que nos impedem de “[...] amar mais perfeitamente na superfície do planeta que rola pelos espaços sem fim [...]” (BARRETO, 1921, on-line), para retomarmos o grande ideal literário de Lima Barreto.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, J. S. R. *O todo e as partes: subsídios para a leitura do ensaio Amor evolucionário* de Charles Sanders Peirce. 2006. 233f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BARBOSA, F. de A. *A vida de Lima Barreto: 1881 - 1922*. 11. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BARRETO, L. O destino da Literatura. *Revista Sousa Cruz*, n. 58-59, out/nov 1921. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/lima-barreto/o-destino-da-literatura.php>>. Acesso em: 8 out. 2018.

_____. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Petrópolis: Vozes, 2016.

CANDIDO, A. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

JOLLES, A. *Formas simples: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

LEVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

PEIRCE, C. S. *Collected Papers*. Vols. I a VIII (CP). Cambridge: Harvard University Press, Database Intalex Co., 1994.

SANTOS, G. T. dos. *A semiose do sagrado: uma abordagem complexa dos sistemas religiosos*. 2001. 238f. Tese. (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

_____. A gradação do humor na crônica brasileira. In: SÁ, O. (Org.). *Signos em construção*. Lorena: Instituto Santa Tereza, 2016.

SCHWARCZ, L. M. *Lima Barreto: triste visionário*. (E-book). São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Não paginado.

Data de submissão: 10/06/2018

Data de aprovação: 06/08/2018